



MUDANÇA POSSÍVEL: DA GRAMÁTICA NORMATIVA À ANÁLISE LINGUÍSTICA

Maria Gorete Côgo da Silva (PROFLETRAS - UNEMAT/Sinop)¹
neusa@unemat-net.br

RESUMO: Não há como negar que a escola tradicional já sofreu muitas transformações ao longo dos anos, mas alguns de seus aspectos continuam resistindo ao tempo. O ensino da gramática, por exemplo, continua sendo visto por muitos como era visto há décadas atrás, todavia há os que vêm questionando e até mesmo afirmado ser desnecessário o seu ensino. As perguntas que se fazem neste momento dizem respeito a real necessidade de se ensinar gramática na escola: É preciso ensiná-la? Se sim, de que maneira fazê-lo? Na presente pesquisa investigou-se a abordagem dada às questões gramaticais nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e como se dá na prática esse enfrentamento entre a tradição escolar gramatical e as novas concepções de ensino trazidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998). Do ponto de vista teórico apoiamos-nos em autores como Becker (2001), Britto (1997), Franchi (1987), Geraldi (2004), Morais (2002), Ribeiro (2001), Silva (2006), entre outros. Do ponto de vista metodológico, analisamos especificamente a recepção dos alunos de duas turmas de 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Aripuanã- MT, quando participantes de uma aula ministrada sob a perspectiva tradicional e uma sob a perspectiva da Análise Linguística. Analisou-se também até que ponto o tratamento dado ao conteúdo gramatical aproximou-se ou distanciou-se do que é proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental (1998). A pesquisa está dividida em subtítulos que inicialmente trazem conceitos sobre a Gramática Tradicional e os hábitos já enraizados na sala de aula, na sequência falou-se sobre o que propõe a Análise Linguística para a prática em sala de aula, seguindo com a análise do que se propõe nos Parâmetros Curriculares Nacionais sobre o ensino de gramática. Por fim apresentam-se os planejamentos das aulas ministradas e a análise do desenvolvimento de cada uma delas. Os resultados demonstraram que 100 % dos alunos preferem e interagem melhor frente a aulas preparadas com o objetivo de fazer com que eles reflitam sobre a linguagem que utilizam, vendo significado no aprendizado que sai da escola e vai para o convívio em sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino da gramática; Língua Portuguesa; Análise Linguística

ABSTRACT: There is no denying that the traditional school has undergone many transformations over the years, but some of its aspects continue to resist time. The teaching of grammar, for example, is still seen by many as it was seen decades ago, yet there are those who have been questioning and even claiming to be unnecessary their teaching. The questions that are being asked at the moment relate to the real need to teach grammar in school: Do you have to teach it? If so, in what way? In the present research we investigated the approach given to the grammatical questions in the Portuguese Language classes of Elementary School and how in practice this confrontation between the grammar school tradition and the new conceptions of teaching brought by the National Curricular Parameters (1998). From the theoretical point of view, we support authors such as Becker (2001), Britto (1997), Franchi (1987), Geraldi (2004), Morais (2002), Ribeiro (2001) and Silva (2006). From the methodological point of view, we specifically analyzed the reception of students from two 6th grade classes of elementary school from a public school

¹ Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela Faculdade de Educação de Cacoal - FEC em 1998. Pós-graduada em Educação Interdisciplinar e Metodologia do Ensino Fundamental pela AJES –ISE Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena em 2008. Mestranda do Mestrado Profissional em Letras PROFLETRAS/UNEMAT/Sinop, professora da educação básica de Língua Portuguesa na Secretaria Estadual de Educação (SEDUC), lotada na Escola Estadual “Professor Elídio Murcelli Filho”



in the municipality of Aripuanã-MT, when participants of a lecture from a traditional perspective and one from the perspective of Language Analysis. It was also analyzed to what extent the treatment given to grammatical content approached or distanced itself from what is proposed in the National Curriculum Parameters of Portuguese Language for Elementary Education (1998). The research is divided into subtitles that initially bring concepts about Traditional Grammar and habits already rooted in the classroom, in the sequence we talked about what the Linguistic Analysis proposes for classroom practice, followed by the analysis of what is proposed in the National Curriculum Parameters on grammar teaching. Finally, we present the lesson plans and the analysis of the development of each one. The results showed that 100% of the students prefer and interact better in front of prepared classes with the purpose of making them reflect on the language they use, seeing meaning in the learning that leaves the school and goes to socializing.

KEYWORDS: Grammar teaching; Portuguese language; Linguistic Analysis.

INTRODUÇÃO

Os últimos anos têm sido permeados por críticas ao ensino tradicional da Gramática Normativa. Entre as principais estão a falta de clareza quanto aos objetivos do estudo de conteúdos gramaticais; a exclusividade do tratamento escolar da norma culta escrita; a desconsideração das descobertas teórico-metodológicas da linguística contemporânea (BRITTO, 1997).

Em observação a essas críticas, o meio acadêmico está cada vez mais se colocando contra o antigo modelo de ensino de gramática. Todavia, sabe-se que debates na academia nem sempre produzem resultados reais na prática de sala de aula. Segundo Morais, tal indefinição repercute nos discursos oficiais:

Estudos que analisaram as propostas curriculares nacionais geradas a partir da década de 80 (...) constataram que, especificamente no que diz respeito ao eixo didático de "análise linguística", parece haver mais consenso sobre o que "não se devia fazer", que coerência entre os princípios teóricos e os encaminhamentos prescritos em substituição ao ensino da gramática normativa tradicional na sala de aula. (MORAIS, 2002, p.3).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998), por sua vez, enfatizam a ideia de que a prática docente procure trabalhar com as questões linguísticas objetivando atender aos propósitos comunicativos do aluno. Tais

documentos sugerem, assim, que a unidade de ensino seja o texto e que este seja o ponto de partida e de chegada para o trabalho com a gramática.

De acordo com Neves (1991), contudo, a negação do modelo tradicional de ensino, aliada à falta de direcionamento das práticas pedagógicas, geraram um "clima de desalento" entre os professores de português em relação aos resultados e ao valor do trabalho escolar que desenvolvem para ensinar a gramática.

No entanto, na coletânea *O Texto na Sala de Aula*, Geraldi (1984) já dizia que a Análise Linguística deveria consistir na reflexão sobre a língua, não só nos seus aspectos gramaticais, mas também discursivos, estilísticos, pragmáticos, fonológicos etc, distanciando-se, desta forma, do ensino descontextualizado da gramática. Nesta coletânea o autor deixou claro que sob a perspectiva da Análise Linguística o leitor deveria ser levado a refletir sobre os recursos linguísticos para produzir sentidos, e, quando necessário, fosse capaz de lançar mão desses recursos para produzir os textos.

Foi também nessa época que o Ministério da Educação adotou a Análise Linguística como proposta para o ensino de língua, que chegou às escolas brasileiras através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRITTO, 1997). Entretanto, mesmo fazendo parte de documento oficial e presente em todas as escolas brasileiras há mais de 20 anos, as ideias de Geraldi, no que diz respeito à Análise Linguística, ainda não se constituem como prática habitual no ensino de língua em nosso país (SILVA, 2006).

Ainda hoje, grande parte dos professores de Língua Portuguesa se vê "pressionada" a rejeitar as práticas tradicionais de ensino de gramática e, ao mesmo tempo, encontra dificuldades em achar uma nova maneira de ensiná-la. O que se percebe é que os professores veem grande importância no ensino de conteúdos gramaticais, mas não encontram mecanismos de ensiná-los de maneira que fujam aos modelos tradicionais.

Por isso, é possível dizer ainda que um dos métodos mais conhecido e, por sua vez, muito utilizado nas escolas é o método tradicional, no qual o professor é o sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem, repassando seus conhecimentos aos alunos, normalmente por meio de aulas teóricas. Neste método o professor vê o aluno como



alguém que só tem a aprender, sem levar em consideração que suas experiências vividas fora do âmbito escolar também podem ser fonte de conhecimento.

Por outro lado, vale ressaltar que, com o intuito de mudar esse contexto, há, atualmente, uma mescla de novos estudos e concepções acerca do ensino de gramática e da prática em sala de aula, mesmo assim muitos professores não sabem realmente se devem ou não ensinar gramática, e principalmente como fazê-lo. Para Cortez (2007), a prática pedagógica no ensino de Língua Materna tornou-se um problema para os professores de português.

Assim, para um melhor entendimento do que aqui será discutido, este estudo tem o objetivo de comparar e entender, se houver, assimilação, interesse e participação dos alunos do Ensino Fundamental frente a uma aula tradicional de Gramática Normativa e outra apoiada no que preconiza a Análise Linguística. Pretende-se também observar se o tratamento dado a essas questões tende a se aproximar ou a distanciar do que é proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998).

Para o alcance dos objetivos dessa pesquisa, observamos alunos de duas turmas do 6º ano do Ensino Fundamental II em uma escola municipal da cidade de Aripuanã – MT. O foco da observação foi a reação dos mesmos quando participantes de 04 horas/aula de Língua Portuguesa. Na turma “A” foram ministradas aulas para o ensino de conteúdo gramatical de forma tradicional. Na turma “B” foram ministradas aulas para o ensino do mesmo conteúdo na perspectiva da Análise Linguística. Optou-se pela metodologia qualitativo-interpretativista para a geração e análise dos dados. De acordo com Moita Lopes (1994), a pesquisa qualitativo-interpretativista estuda o objeto de pesquisa em seu contexto natural e com isso torna-se possível dar sentido aos fenômenos levando-se em conta os significados que as pessoas lhes atribuem.

As turmas participantes da pesquisa tinham muitas características semelhantes. Ambas estudavam no período matutino. A turma “A” era composta por 22 alunos, 8 meninos e 14 meninas. A turma “B” composta por 19 alunos, sendo 9 meninos e 10 meninas. Segundo a coordenação da escola e os professores regentes das turmas, ambas não tinham problemas com indisciplina e os alunos estavam na mesma faixa etária,



entre 10 a 12 anos. Quanto ao nível de aprendizado, as turmas eram consideradas equivalentes.

A pesquisa possui uma primeira parte bibliográfica, permeada por considerações que se julgaram pertinentes, e uma segunda parte onde apresentar-se-á o planejamento das aulas e a análise das mesmas. Por fim, serão apresentadas as considerações finais que reiteram a visão de que a homogeneidade linguística, que se propagou por muitas décadas em nossa sociedade por meio de um ensino tradicional da Gramática Normativa, tomado como modelo único de fala e escrita, não passa de uma visão excludente, sendo que que não resulta na formação de leitores e escritores plenos.

Assim sendo, mudar essa visão é uma questão primordial que precisa ser levada em conta para que o processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa seja mais reflexivo e, conseqüentemente, transforme a vida dos alunos.

A BOA E VELHA GRAMÁTICA NA SALA DE AULA

É possível afirmar que o modelo de ensino tradicional foi um dos principais a influenciar a prática educacional formal e ainda serve de referencial para os modelos educacionais atuais. Desde o seu início este modelo determinou que as iniciativas partissem do professor. Assim, a instituição escola precisava contar com um professor bem preparado, que tinha a missão de ensinar tudo o que se julgava necessário. Era ele o detentor do conhecimento e sua missão era transmiti-lo aos alunos.

São muitos os preceitos da escola tradicional que ainda permanecem vivos na prática de muitas escolas no Brasil, tais como: o compromisso da escola é com a cultura, os problemas sociais devem ser resolvidos pela sociedade fora da escola; todos os alunos têm condições de aprender igualmente, desde que se esforcem; as matérias de estudo são ordenadas na legislação; os conteúdos são separados da experiência do aluno e das realidades sociais; a exposição verbal da matéria e/ou demonstração são sempre feitas pelo professor.

Na definição de Mendonça (2006), o jeito tradicional de ensinar Língua Materna pode ser entendido como um conjunto de práticas que se solidificaram com o passar do tempo, com regularidade de ocorrência, o que terminou por constituir uma tradição. Sabe-se que a gramática tradicional concebe a língua como um objeto fixo e homogêneo, por isso, ela condena os usos diferentes das regras prescritas pela norma-padrão. Esse dogmatismo está de tal modo arraigado na nossa cultura que é comum ouvir pessoas, inclusive aquelas que passaram anos expostas a tal ensino, dizendo que não sabem o português “correto”. (ANTONIO, 2006).

No ensino tradicional, a gramática é sempre concebida como uma obra acabada, que não admite contestações e que quase sempre é apresentada aos alunos através da exposição de regras e realização de exercícios descontextualizados, cujas estruturas o aluno só vê nos livros, raramente no seu dia a dia (RIBEIRO, 2001). O professor, por sua vez, se posiciona como agente policiador da norma culta e, em conformidade com a gramática tradicional dá tratamento isolado às áreas de fonética, fonologia, morfologia e sintaxe, normalmente ministrando aulas expositivas de caráter teórico (DRESCH, 2010). Desse modo, segundo Ribeiro (2001), cabe ao aluno, que não é visto como usuário da língua, mas, sim, como um depositário das nomenclaturas e regras gramaticais, ouvir as explicações do docente, e, a partir delas, responder uma série de exercícios de fixação.

Na prática tradicional do ensino de gramática predomina a autoridade do professor, que exige atitude receptiva dos alunos enquanto transmite as normas, os conceitos e nomenclaturas em forma de verdade absoluta e de modelo único. Sem exageros, é fácil constatar que muitas destas práticas fazem parte da rotina das escolas e ainda são defendidas por muitos professores.

A PROPOSTA DA ANÁLISE LINGUÍSTICA



Além de estabelecer críticas à gramática tradicional a linguística possibilitou a construção de novos referenciais teóricos para o trabalho pedagógico com a língua materna, possibilitando a criação de teorias que exercem grande influência no ensino de Língua Portuguesa.

Dessa forma, as ciências linguísticas colaboraram para o desgaste da tradição gramatical, fazendo com que muitos estudiosos do assunto afirmassem que o ensino de regras centrado somente na variedade de prestígio é insuficiente para desenvolver as competências discursivas do aluno.

O termo Análise Linguística foi cunhado por Geraldi em 1984, no artigo *Unidades básicas do ensino de Português* que faz parte da coletânea intitulada *O texto na sala de aula*, para denominar uma nova perspectiva de reflexão sobre o sistema de ensino diferenciado do ensino tradicional.

Os pontos principais da proposta da Análise Linguística para o ensino da Língua Materna mostram que o aluno tem capacidade de refletir, analisar e pensar sobre os fatos e os fenômenos da linguagem, além de afirmarem que a linguagem é capaz de referir-se a si mesma por intermédio de atividades epilinguísticas e metalinguísticas.

Segundo Franchi (1987), a atividade epilinguística é tida como a reflexão que todo falante de uma língua natural realiza, ao operar sobre a própria linguagem, comparando expressões, transformando-as, dando novas significações às formas linguísticas já existentes. Quando questionamos o que alguém quis dizer com as palavras que usou, ou quando selecionamos, entre os recursos disponíveis na língua, aqueles que mais se ajustam às nossas intenções comunicativas, ou, até mesmo, atribuindo significado ao silêncio como parte de uma interação, estamos realizando uma atividade epilinguística.

Já a reflexão metalinguística, ainda segundo Franchi (1987), compreende uma análise sistemática, apoiada em conceitos e nomenclaturas com as quais é possível descrever os fenômenos linguísticos. Esse é o principal tipo de reflexão promovido pela Gramática Normativa tradicional.

O que prega a Análise Linguística é que o ensino da linguagem na escola deve sempre partir do uso efetivo da língua, entendido como o exercício pleno, em circunstâncias concretas e com intenções significativas, para a reflexão epilinguística e desta para a metalinguística, para, depois, tornar ao uso. Assim, diz-se que para a Análise Linguística o ensino da língua tem o uso concreto da linguagem como seu ponto de partida e de chegada.

Para seguir essas orientações, transformando-as em atividades, o papel do professor é oportunizar aos alunos o uso efetivo da língua, criando condições reais de interação deles entre si e com o próprio professor, tanto por meio de situações cotidianas, como o diálogo durante a aula, quanto de situações mais específicas de linguagem, para propósitos também mais específicos.

Outra ação do professor, na proposta da Análise Linguística, é promover a reflexão epilinguística na aula, provocando o debate das dúvidas sobre o funcionamento da língua que a própria atividade linguística desencadeia nos alunos. Pois, de acordo com a situação comunicativa que o aluno realize, terá dúvidas que vão desde como se utilizar do sistema alfabético até escrever textos com coesão. Só depois de passar pelas atividades linguísticas e epilinguísticas é que faz sentido o trabalho com a metalinguagem, posto que assim o aluno seja capaz de, gradualmente, apropriar-se de um quadro nocional ou teórico que lhe permita descrever sua própria língua.

Desse modo, de acordo com os pressupostos da Análise Linguística, o domínio das nomenclaturas deixa de ser o principal objetivo do ensino de língua, para transformar-se num instrumento de reflexão a fim de contribuir para a formação de leitores e produtores de textos. Isto é, serão privilegiados os conteúdos relevantes para o desenvolvimento da competência discursiva, descartando-se aqueles ensinados somente por que se tornaram tradicionais.

A POSIÇÃO DOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

O eixo da reflexão proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais envolve as práticas de Análise Linguística. De acordo com o documento:

esta não é uma nova denominação para o ensino de gramática, pois, uma vez que toma o texto como unidade de ensino, considera também os aspectos semânticos e pragmáticos que enquadram o texto em determinado gênero discursivo/ textual (BRASIL, 1998, p. 78).

Os PCN sugerem, assim, que o trabalho com os objetos de ensino de Língua Portuguesa partam de atividades que envolvam produção e compreensão de textos orais e escritos em diferentes gêneros, seguidas de atividades de reflexão sobre a língua e a linguagem. Dessa forma, os referenciais assumem uma perspectiva contrária à tradição gramatical, que analisa os fonemas, as palavras, a classificação morfológica e raramente chega ao texto, reproduzindo a “clássica metodologia de definição, classificação e exercitação” (BRASIL, 1998, p. 29).

Os Parâmetros apontam para a necessidade de a escola possibilitar ao aluno conhecer e valorizar as diferentes variedades do português e também levá-lo ao domínio apropriado da leitura e da escrita, relacionando-as à oralidade quando necessário.

A atividade mais importante, pois, para os alunos, seria a participação em situações em que possam usar a linguagem e refletir sobre ela. É a partir do que os alunos desenvolvem nesse trabalho epilinguístico, tanto sobre os textos que produzem quanto sobre os textos que leem, que poderão falar e discutir sobre a linguagem, registrando e organizando essas intuições: uma atividade metalinguística, que envolve a descrição dos aspectos observados por meio da categorização e tratamento sistemático dos diferentes conhecimentos construídos. (BRASIL, 1998).

Quando os Parâmetros Curriculares Nacionais se referem à metodologia de ensino, eles adotam a estratégia de partir da negação do modelo tradicional, para estabelecer as práticas do novo modelo como contrárias ao modelo tradicional. Silva (2004) diz que os PCN encorajam uma abordagem assistemática dos aspectos gramaticais, na qual os conteúdos são selecionados exclusivamente pelas necessidades de uso linguístico do aluno. No lugar da metodologia tradicional, que vai da definição,



classificação e parte para a exercitação, o documento sugere uma sequência de intervenção didática que se inicie pela prática de reflexão produzida pelos alunos a partir da sua gramática implícita, até chegar à gramática explícita.

Em resumo, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998), o ensino de Língua Materna deve ser capaz de fazer com que o aluno compreenda que a linguagem, tanto na modalidade oral quanto na escrita, tem um papel de viabilizar o entendimento e o encontro dos discursos empregados nas mais diversas situações da vida social. Isso significa fazer com que o aluno perceba a oralidade e a escrita como modalidades de emprego da língua complementares e interativas nas práticas sociais.

AULA DE PORTUGUÊS

Na sequência, apresentar-se-á a experiência realizada com duas turmas de 6º ano da Escola Municipal Professor Jari Edgar Zambiasi no município de Aripuanã – MT, sendo o objetivo verificar a assimilação do conteúdo, a participação na aula e a preferência dos alunos quanto a aulas com o ensino da gramática tradicional e a aulas com metodologia baseada na Análise Linguística.

PLANO DE AULA /GRAMÁTICA TRADICIONAL

Conteúdo: Introdução ao estudo dos verbos;

Apresentar as noções de modos, conjugações e tempos verbais

Sequência:

- Conceituação dos verbos, tempos, modos e conjugações verbais, sistematizando-os e exemplificando-os, de maneira que os alunos copiem todas as explicações do quadro;
- Exposição oral do professor para entendimento dos conceitos;
- Realização de exercícios de fixação para que os alunos possam perceber como se dá a utilização dos verbos em frases e textos.

VERBOS

A todo o momento estamos praticando uma ação, como ler, pular, brincar, passear. E durante esses momentos em que fazemos algo, manifestamos nossos sentimentos, nosso estado de espírito de diversas maneiras, tais como: alegres, tristes, cansados, eufóricos, entre outras.

Para que possamos entender melhor sobre isto, analisaremos as seguintes orações:

Paulo soltou a pipa

A garota está contente

A primeira frase expressa uma ação – soltar a pipa. A segunda expressa um estado em que a garota se encontra – feliz.

Agora, se dissermos:

Está chovendo muito hoje

Esta oração não representa ação, estado, mas um fenômeno da natureza, que é chover.



Logo, podemos definir verbo como o termo que expressa ação, estado ou fenômeno da natureza.

As pessoas verbais são:

- 1ª pessoa – Quem fala- Eu e nós
- 2ª pessoa - Quem ouve – Tu e vós
- 3ª pessoa – De quem se fala – Ele/eles- Ela/elas

Os números verbais são:

Singular – Eu, tu, ele

Plural – Nós, vós, eles

Os tempos verbais são:

Presente – hoje – Indica que a ação está acontecendo no exato momento.

Ex.: Eu leio a história.

Passado ou pretérito – ontem – Indica que a ação já ocorreu.

Ex.: Ontem fui na casa da minha amiga.

Futuro – amanhã – Indica uma ação que ainda vai acontecer.

Ex.: Amanhã faremos uma festa.

As conjugações verbais são:

- 1ª conjugação – os verbos terminados em “ar” – brincar, nadar, passear.
- 2ª conjugação – são terminados em “er” – vender, ler, correr.
- 3ª conjugação – terminados em “ir” – partir, sorrir, preferir.



Os modos verbais são:

Indicativo – Representa uma certeza: Nós vamos ao cinema.

Subjuntivo – Expressa uma dúvida: Se você fosse comigo, ficaria contente.

Imperativo – Expressa uma ordem: Não faça isto, pode se machucar.

Além de todas estas particularidades, o verbo ainda **possui as formas nominais. São elas:**

Infinitivo – É o verbo na sua forma original – falar (-ar)

Gerúndio – Revela uma ação em continuidade – brincando (-ndo)

Particípio – Expressa uma ação passada – cantado, participado (-do)

ATIVIDADES

1) Nas orações abaixo, circule todos os verbos, indicando quais estão no presente, pretérito ou futuro:

- a) Os meninos brincavam com a bola.
- b) Papai me chamou para passear no parque.
- c) Entrei, falei com o diretor.
- d) Ao sentir as patadas, o lobo correu.
- e) Ontem eu conheci um lobo-do-mar.
- f) Hoje está um bonito dia.
- g) No mês passado, os alunos estudaram verbos.



2) Leia o texto que segue e circule os verbos que encontrar:

AQUARELA

Antônio Pecci Filho (Toquinho)

Vinícius De Moraes

Numa folha qualquer

Eu desenho um sol amarelo

E com 5 ou 6 retas é fácil fazer um castelo

Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva

E se faço chover, com 2 riscos tenho um guarda-chuva

Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel

Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu

Vai voando, contornando a imensa curva

Norte e Sul

Vou com ela viajando

Havaí, Pequim ou Istambul

Pinto um barco a vela

Branco navegando

É tanto céu e mar num beijo azul

Entre as nuvens vêm surgindo um lindo avião rosa grená



Tudo em volta colorindo com suas luzes a piscar

Basta imaginar

E ele está partindo sereno e lindo

E se a gente quiser

Ele vai pousar

Numa folha qualquer

Eu desenho um navio de partida

Com alguns bons amigos

Bebendo de bem com a vida

De uma América a outra

Eu consigo passar num segundo

Giro um simples compasso

E num círculo eu faço o mundo

Um menino caminha

E caminhando chega no muro

E ali logo em frente

A esperar pela gente

O futuro está

E o futuro é uma astronave



Que tentamos pilotar

Não tem tempo nem piedade

Nem tem hora de chegar

Sem pedir licença

Muda a nossa vida

E depois convida a rir ou chorar

Nessa estrada não nos cabe

Conhecer ou ver

O que virá

O fim dela ninguém sabe

Bem ao certo onde vai dar

Vamos todos numa linda passarela

De uma aquarela

Que um dia enfim, descolorirá

Numa folha qualquer

Eu desenho um sol amarelo (que descolorirá)

E com 5 ou 6 retas é fácil fazer um castelo (que descolorirá)

Giro um simples compasso

E num círculo eu faço o mundo (que descolorirá)



3) Indique o que os verbos destacados expressam nas orações abaixo: Ação, estado ou fenômeno da natureza:

Gosto de estudar matemática. _____

Patrícia é linda. _____

Trovejou bastante ontem. _____

Paulinho brinca muito. _____

O diretor parece feliz agora. _____

4) Assinale a opção com verbos da 3ª conjugação:

amar, calar

ver, caber

partir, ferir

gostar, estudar

5) Separe os verbos acima de acordo com sua conjugação:

1ª conjugação _____

2ª conjugação _____

3ª conjugação _____

PLANO DE AULA / ANÁLISE LINGUÍSTICA



Conteúdo: Introdução ao estudo dos verbos

Sequência Didática:

1º módulo: Apresentação da situação comunicativa

Os alunos serão informados sobre o contato que terão com o gênero textual cartas. Será incentivado um diálogo que se dará para que expressem a sua opinião sobre esse gênero. Se o conhecem, se já escreveram etc. Poderão emitir opinião acerca do conhecimento que já têm sobre quem escreve cartas, por que são escritas, quando são escritas, com que objetivos são escritas. Os alunos serão incentivados a conversarem sobre a evolução da carta, se ainda hoje esse gênero é necessário e o porquê.

2º Módulo: Contato com o gênero

Os alunos farão a leitura de uma carta que será apresentada através do projetor de imagens e conversarão sobre a mesma de maneira livre, mas com a mediação da professora.

Serão levantados os pontos: quem escreveu, para quem, com que finalidade, em que época etc.

3º Módulo

É hora da primeira produção! Os alunos produzirão a sua primeira carta, para quem desejarem e com o objetivo que definirem entre si.

4º Módulo: Ouvir e Ler (Atividade linguística)

- Apresentar a música: *Aquarela*, de Toquinho (letra e vídeo);
- Ouvir a música, acompanhar a canção com a letra impressa;
- Ler coletivamente a letra da canção;
- Conversar sobre o tema, com as inferências da professora para a compreensão das expressões utilizadas e do texto como um todo.

5º Módulo: Realizar o exercício de reflexão sobre o texto lido a fim de explorá-lo em suas diferentes possibilidades (Atividade Epilinguística)

- Analisar o contexto de produção da música: quem escreve, para quem escreve, sobre o que escreve, com que finalidade. Serão apresentados aos alunos dados sobre a biografia dos autores por meio do projetor de imagens.
- Refletir sobre as ações feitas pelo eu-lírico (verbos), analisando os sentidos que estes exprimem no contexto de produção, fazendo questionamentos como: Que palavras mostram as ações que foram feitas pelo eu-lírico? O que essas ações evidenciam sobre ele?
- Realizar reflexões do tipo: No início ele começa a desenhar. O que ele desenha, constrói, cria? Esses desenhos representam que parte de sua vida? A partir do trecho “Vai voando / Contornando a imensa / Curva Norte e Sul / Vou com ela...”, o eu-lírico começa uma viagem. Que palavras demonstram essa viagem? Que lugares ele gostaria de conhecer? No trecho “Com alguns bons amigos/ Bebendo de bem com a vida / De uma América a outra / Eu consigo passar num segundo”, em que parte da vida acontecem essas ações? Por que nessa parte da vida tudo passa num segundo? “E ali logo em frente/ A esperar pela gente / O futuro está (...) Sem pedir licença / Muda nossa vida / E depois convida / A rir ou chorar”, como é o futuro para o eu-lírico, isto é, como

é retratado por ele? E, no fim dessa viagem, ele diz “que “Um dia enfim / Descolorirá”, o que essa palavra indica a respeito de sua vida? O que o prefixo “des” significa em outras palavras.

6º Módulo: Levar o aluno a falar sobre a própria linguagem, descrevê-la e analisá-la como objeto de estudo (Atividade metalinguística)

- Localizar os verbos na música.
- Evidenciar em que tempo estão os verbos e como isto é percebido no texto.
- Conhecer a forma nominal gerúndio e em que situações é usada.
- Fazer alterações no texto para a passagem do presente, para futuro e passado e que implicações isso causa no texto.
- Mostrar o sentido do prefixo “des” em “descolorirá” e em outros verbos.

7º Módulo: Produção Escrita

- Apresentação de vários exemplares de cartas no projetor de imagens, apresentação do envelope de envio, apresentação do selo de postagem e o que ele significa, sendo essas apresentações mediadas pela professora, que fará as intervenções necessárias para que os alunos reconheçam o destinatário, o remetente, o objetivo da carta e a organização textual do gênero.
- Realização de dinâmica para produção de cartas: cada aluno sorteará um remetente, um endereço, um destinatário e uma finalidade para a produção de sua carta. Eles deverão produzir também o envelope que receberá a carta, preenchendo-o conforme foi observado no projetor de imagens.



8º Módulo

- Os alunos farão a leitura das cartas produzidas (se desejarem) e em duplas farão a reescrita das cartas, se necessário, com a mediação da professora.

9º Módulo

A professora fará a sistematização do conteúdo no quadro. Anotando as informações importantes sobre os verbos para que os alunos possam visualizar o que já perceberam durante a leitura da música, da produção das cartas e das intervenções da professora.

A VOZ DOS ALUNOS

Para início de conversa, é possível dizer que 100% dos alunos disseram que preferem e adquiriram mais liberdade para participar e assimilar melhor o conteúdo quando participaram das aulas planejadas sob a perspectiva da Análise Linguística.

Nesse sentido, a utilização do método de ensino tradicional, aplicado na primeira turma, se apresentou como pouco interessante e menos apreciado pelos alunos, pois nesta tendência o professor é o único detentor do saber e o aluno é visto apenas como ouvinte não participativo. De acordo com Becker (2001), este modelo é denominado de pedagogia diretiva em que nada de novo acontece dentro da sala de aula, fato que pôde ser percebido pelo falar dos estudantes na sala de aula.

Embora o trabalho tenha sido feito com o objetivo apenas de observar e comparar a participação e interesse dos alunos frente aos dois modelos de aulas ministrados, foi inevitável, durante o desenrolar das aulas, perceber que os demais professores optam por aulas que se aproximam mais do modelo tradicional, de acordo com o relato dos próprios alunos, e por isso eles se mostraram menos habituados à participação em aulas que podem manifestar suas opiniões. Assim, a análise das aulas



nas turmas "A" e "B" nos permite concluir que o cotidiano dos estudantes tem sido permeado por práticas metodológicas vindas da tradição de se ensinar a Gramática Normativa.

Nas aulas ministradas na turma "A", os conceitos trabalhados são amplamente adotados nas gramáticas escolares que se apoiam em critérios morfossintáticos extraídos da Gramática Tradicional. A noção de verbo, por exemplo, aparece quase sempre assim: "verbo é a palavra que indica ação, movimento, estado ou fenômeno meteorológico". Dessa forma, amparou-se, para as aulas nas noções da Gramática Normativa, a qual enfoca o verbo apenas nos níveis da frase e do período. A professora abordou esse conteúdo a partir de sua ocorrência também nas frases e nos períodos.

Sem levar em consideração a abordagem textual, a professora utilizou um exercício extraído de uma gramática escolar, composto de frases descontextualizadas. Neste modelo, a professora não assume uma postura funcional para trabalhar no sentido de possibilitar que os alunos descubram situações em que os verbos podem ser empregados e recorre à estratégia de exercitação, própria do ensino tradicional. A forma rápida como a educadora introduz os conceitos gramaticais pode ser vista como um ato de reconhecimento da autoridade da Gramática Tradicional, como se a explicação e exercitação do que foi explicado bastasse para que os alunos compreendessem o conceito e o uso dos verbos.

Considerando a descrição da aula, percebemos que não há esforço da professora para se aproximar das orientações sobre um ensino de língua mais contextualizado em termos dos usos linguísticos. Assim, ela recorre somente às estratégias de ensino que têm sido praticadas há anos da mesmíssima maneira. De acordo com o plano de aula, a professora já inicia escrevendo todos os conceitos sobre verbo no quadro negro e depois dá as explicações que julga necessárias e parte imediatamente para os exercícios.

A abordagem oferecida pela educadora colocou a Língua Materna no mesmo patamar de um código totalmente homogêneo, capaz de transmitir uma mensagem de um emissor a um receptor por meio de palavras que têm sempre o mesmo significado.



Seguindo as orientações da professora, os alunos são levados a pensar que determinadas palavras sempre desempenham função de verbo e estabelecem as relações previstas pela Gramática Tradicional de forma inflexível.

Nesta aula, ela apresentou os verbos já devidamente conceituados para que os alunos pudessem classificar os verbos quanto à pessoa, número e conjugação, sendo, portanto, um conhecimento útil para o cumprimento de uma atividade escolar, mas com pouca relevância para seu desempenho linguístico fora da escola.

Enfim, nesta aula, são vários os exemplos que parecem manter a perspectiva tradicional de ensino de Língua Materna, pois objetiva a norma culta e privilegia aspectos estruturais das frases. A abordagem é, então, estrutural, o que não amplia as possibilidades de interpretação e uso da linguagem, não indo, dessa forma, da gramática implícita, para a descritiva/ reflexiva e depois para a explícita, como sugerem os referenciais.

Os exercícios propostos nesta aula trazem definições fixas sobre tempos e modos verbais, o que não pode ser encarado como algo positivo e assim deixa de sugerir as possibilidades de uso de formas verbais e nem relaciona os versos/frases ao texto que foi usado somente como pretexto para a identificação dos verbos. A atividade, por sua vez, não considerou a gramática implícita do aluno, não expandiu para a possibilidade de testar o seu uso e não o dirigiu para uma reflexão sobre ele. A aula em questão, portanto, não foi elaborada de acordo com os principais preceitos dos PCN, pois preservou práticas tradicionais de ensino de Língua Materna no que se refere aos aspectos gramaticais.

Nas aulas ministradas na segunda turma sob a perspectiva da Análise Linguística, a ordem dos procedimentos empregados partiu do uso, quando os alunos pontuaram sobre os conhecimentos que já possuíam sobre o gênero textual carta e foram levados à reflexão sobre o texto que leram e ouviram, para só então comparar as hipóteses que formularam sobre verbos, comparando-os com os postulados da Gramática Tradicional.

Para tanto, a professora não abandonou totalmente os preceitos da Gramática Tradicional quando conceituou junto com os alunos o conteúdo no quadro negro, todavia sem a preocupação de classificar palavras, funções sintáticas e orações bem como exigir que os alunos decorassem nomenclaturas. A utilização da metalinguagem serviu como elemento de referência para auxiliar na compreensão do uso dos verbos como um dos recursos de que o falante dispõe para construir sentido no texto escrito.

Esse caminho construído pela professora teve continuidade quando feita a reflexão por meio de atividades de como discutir o uso dos verbos nos textos lidos, na canção e nos textos produzidos pelos próprios alunos ou, ainda, comparar os efeitos de sentido que diferentes empregos do verbo podem gerar num texto.

Nas aulas a professora levantou questões de estudo da língua, assumindo posturas que estão de acordo com a Análise Linguística. No início da aula, ela exibiu para os alunos o vídeo apresentando a música *Aquarela*. Os estudantes foram convidados a ouvir e depois a acompanhar a canção através da letra da música entregue a todos. Depois de ouvirem a canção e acompanharem a letra a professora se prendeu demoradamente compreender tudo o que a música dizia explícita e implicitamente, refletindo sobre cada aspecto.

Durante a aula, os alunos lembraram de outros textos que falavam sobre o mesmo assunto da música. A professora, assim, não se prendeu somente ao planejamento realizado, deixou que a conversa fluísse. Aproveitou o momento e questionou aos estudantes o que aqueles textos tinham em comum e quais as diferenças entre eles. À medida que os alunos iam falando, a docente registrava no quadro os conhecimentos dos alunos.

Depois disso, a professora registrou no quadro a expressão Intertextualidade e perguntou o que os alunos entendiam, mas nenhum deles quis manifestar-se. Em seguida a professora iniciou um diálogo sobre o conceito dessa expressão e a cada intervenção dos estudantes ela fazia uma nova, até que a conversa fluiu e os alunos acabaram por perceber as marcas de outros textos que conheciam naquele que tinham lido. Após essa percepção, a docente reformulou o conceito de intertextualidade e



escreveu-o no quadro. Dessa maneira, evitou-se que a aula fosse fragmentada. Foram propostas questões que envolveram interpretação, produção de textos e atividades de Análise Linguística numa mesma aula, o que está de acordo com a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998).

Outro ponto importante foi o fato da sequência sugerir a realização de algumas atividades em duplas, o que ampliou as possibilidades de análise dos próprios textos e dos colegas, realizando-se a andaimagem, quando os conhecimentos de uns ampliam as possibilidades de aprendizagem dos outros.

Diferentemente da postura assumida pela professora as aulas em que se procurou transmitir os conhecimentos gramaticais, reduzindo a aula à reprodução de conceitos já catalogados pela Gramática Tradicional, a abordagem do assunto Intertextualidade se prestou à reflexão linguística. Para tanto, ela desenvolveu uma sequência de procedimentos que envolveram atitudes de sensibilização, observação, identificação, sistematização e explicitação, ou seja, chamou a atenção dos alunos para o conceito de verbo e levou-os à observação do fenômeno não só no texto lido em sala, mas em outros que eles já conheciam. Em seguida, agrupou os aspectos que os estudantes já tinham inferido sobre o assunto e, só então, sistematizou esses conceitos, de forma que eles pudessem copiá-los.

Assim, a postura da docente foi de instigar a curiosidade dos alunos, a fim de fazê-los pensar sobre os textos, sua estrutura, como eles circulam em sociedade e como retomam outros textos por meio da intertextualidade. Esta aula partiu, assim, de uma atividade de leitura para a Análise Linguística e retornou para a leitura e produção. Dessa forma os alunos podiam compreender melhor o fenômeno linguístico e fazer suposições sobre os efeitos de sentido pretendidos pelos autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na abordagem sobre o ensino de Língua Portuguesa, em particular ao ensino de questões gramaticais, viu-se que os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) sinalizam para um trabalho no ensino de português centrado na análise e reflexão sobre o uso da língua. Todavia, essa prática na sala de aula não é tão corriqueira assim. Partir da variação já empregada pelo aluno, fazendo-o refletir sobre o seu uso para se chegar produção de textos de diversos gêneros textuais que se adequem às situações comunicativas, não é tarefa fácil. Exige planejamento, tempo e dedicação do professor.

Segundo os PCN (1998), o texto passa a ser considerado o escopo de todo o processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa desde a fase inicial do Ensino Fundamental. Dessa forma, o conteúdo a ser explorado passa a ser a linguagem e as práticas a serem exercitadas devem ser a leitura, a produção de texto e Análise Linguística. Isso implica dizer que questões de gramática devem ser trabalhadas a partir da produção textual do aluno, cujo conteúdo deve proporcionar discussões relevantes para ele mesmo, resultando, pois, em uma análise e reflexão sobre os usos da língua.

Nesta pesquisa, foi possível perceber também que a prática pedagógica do professor de Língua Portuguesa, quando baseada no que pressupõe a Análise Linguística pode contribuir de maneira positiva para que o ensino seja mais democrático e contextualizado, levando o aluno a perceber o real motivo de estar estudando este ou aquele conteúdo.

Percebeu-se durante as aulas ministradas, na segunda turma, que a utilização dos recursos multimídia estimularam um maior interesse dos alunos, além de tornar as aulas mais participativas. Criou-se com isso uma estimulação a mais e os alunos se mostraram mais motivados a aprender algo além do que já sabiam sobre o assunto.

Conforme viu-se nas aulas, independentemente do modelo de ensino adotado, a professora recorreu à Gramática Normativa, ora lhe dispensando lugar central do ensino ora usando de sua nomenclatura como auxílio para atividades de reflexão sobre a língua.



Aí está a grande diferença: a importância que se dá a regras fixas, estáticas e descontextualizadas e a importância que se dá à reflexão e uso dessas regras nas situações comunicativas realmente relevantes para o aluno.

Percebeu-se, dessa forma, claramente que na turma “A” em que os conteúdos foram ministrados de forma tradicional, não sendo dada ao aluno nenhuma possibilidade de reflexão sobre o uso concreto daquilo que estava aprendendo, a aula transcorreu de forma tranquila, sem conversas, discussões, e o tempo foi mais do que suficiente para a realização do que foi planejado.

Na turma “B”, por sua vez, investiu-se na construção de conhecimentos por meio de reflexões epilinguísticas. Dessa maneira, do ponto de vista da organização, pode-se considerar que a aula foi um tanto “tumultuada”. As opiniões surgiam a cada momento e a produção oral acontecia livremente. Esse talvez seja um aspecto que assuste os professores. Em aulas que primam pela reflexão, o debate de opiniões é constante e isso é encarado, em muitas ocasiões, como indisciplina.

A atividade oral que aconteceu durante toda a aula, o diálogo entre professora e alunos e entre os alunos criou um ambiente propício para a aprendizagem e desenvolvimento linguístico dos aprendizes. Com esse diálogo, foi possível identificar os pontos de maiores dúvidas dos alunos, e auxiliá-los para a solução das mesmas. Assim, eles construam seu próprio aprendizado, que, certamente, terá um valor mais significativo em suas vidas.

Conclui-se, assim que, nos dois casos as identidades profissionais é que estão em jogo. O professor, que procura realizar suas aulas de acordo com a Análise Linguística, mostra-se atualizado e enxerga os conteúdos gramaticais como passíveis de reflexão, de análise, não reconhecendo-os como fixos e imutáveis. Já o professor que recorre exclusivamente aos conteúdos da Gramática Normativa, parece não querer afastar-se de uma imagem construída ao longo dos anos, ou seja, de que o professor de português é professor de gramática.

Enfim, importante dizer que a superação dessa problemática exige a realização de pesquisas acadêmicas que cheguem às escolas e se traduzam de fato em práticas



concretas nas salas de aula e, mais do que tudo, queiram a constante formação dos professores.

BIBLIOGRAFIA

- ANTONIO, J. D. **O ensino de gramática na escola:** uma nova embalagem para um antigo produto. Estudos Linguísticos, v. 35, p.1052-1061, 2006.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quatro ciclos do ensino fundamental:** Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF.
- BECKER, F. **Educação e Construção do Conhecimento.** 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- BRITTO, L. P. L. **A sombra do caos:** ensino de língua x tradição gramatical. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1997.
- CORTEZ, S. **A interferência do PNLD para o ensino de gramática nos livros didáticos de língua portuguesa.** Campinas: UNICAMP, 2007.
- DRESCH, M. **O currículo da disciplina de língua portuguesa na escola:** a questão da gramática. In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2010, Évora. Anais, p. 111-130, 2010.
- FRANCHI, C. **Linguagem - atividade constitutiva.** In: Almanaque 5. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- GERALDI, J. W. Unidades básicas do ensino de português. In: GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula.** 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- MANINI, D. **Eixo da reflexão, conhecimentos linguísticos, análise linguística ou... Ensino de gramática:** o que propõem os PCNS, o que trazem os LDPS. UNICAMP, 2006.
- MENDONÇA, M. **Análise linguística no ensino médio:** um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, C. & MENDONÇA, M. (Orgs.) **Português no ensino médio e formação do professor.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- MOITA LOPES, L. P. **Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada:** a linguagem como condição e solução. Revista DELTA, v. 10, n. 2, p. 329-338, 1994.
- MORAIS, A. G. **Monstro à solta... análise linguística na escola:** apropriações de professoras das séries iniciais ante as novas prescrições para o ensino de "gramática", In: ANPED, Caxambu. Anais... 2002.
- NEVES, M. H. M. **Gramática na escola.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 1991.
- RIBEIRO, O. M. **Ensinar ou não gramática na escola, eis a questão.** Revista Linguagem e Ensino, v. 4, n. 1, p. 141-157, 2001.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 8 • Número 22 • Abr/Jul 2017

SILVA, N. I. **Gramática Tradicional e Prática de Análise Linguística na aula de português.** Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

Recebido Para Publicação em 30 de março de 2017.
Aprovado Para Publicação em 30 de maio de 2017.